

**Implantação da cunicultura como uma alternativa de produção de proteína animal para a comunidade carente de São João do Barro preto**

**Rabbits production as an alternative for low-income families in the community of Barro Preto - Brazil**

**Implementacion de la cunicultura como alternativa de producción de proteína animal para la población pobre de São João do Barro preto – Brasil**

**Berilo de Souza Brum Júnior<sup>1</sup>, Luiz Giovani de Pellegrini<sup>1</sup>, Emanuelli Souza da Silva<sup>2</sup>, Milton Celeste Braun da Silva<sup>2</sup>, Quelen Telles de Lima<sup>2</sup>, Ana Carolina Ribeiro Sanquetta de Pellegrin<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup>Professor do Instituto Federal Farroupilha – Campus Júlio de Castilhos

<sup>2</sup>Aluna(o) do curso Integrado Técnico em Agropecuária - Instituto Federal Farroupilha – Campus Júlio de Castilhos.

<sup>3</sup>Medica Veterinária, aluna de doutorado do Programa de Pós-graduação em Zootecnia da UFSM.

**RESUMO**

Esse trabalho teve por objetivo difundir a cunicultura como uma alternativa para as famílias de baixa renda da comunidade. O trabalho foi desenvolvido na comunidade de São João do Barro Preto do município de Júlio de Castilhos – RS. Primeiramente foi realizado o convite para os membros da comunidade e posteriormente foi desenvolvido o curso de capacitação dos participantes. O curso foi baseado na descrição das raças, finalidades, construções e equipamentos, manejo reprodutivo, manejo alimentar e manejo sanitário. As apresentações dos conteúdos foram realizadas no próprio

laboratório de Cunicultura (LECIFF) para a fixação das técnicas a serem adotadas. No final do curso, cada participante recebeu uma fêmea para ser usada como matriz e um reprodutor fornecido para todo o grupo. Com isso, alguns membros da comunidade implantaram a cunicultura como fonte de proteína animal para consumo familiar, fazendo da cunicultura uma opção para minimizar problemas alimentares em comunidades carentes.

**Palavras chave:** agricultura familiar

**ABSTRACT**

This study aimed to spread the rabbit production as an alternative for low-

income families in the community. The study was conducted in the community of “São João do Barro Preto” in the municipality of Julio de Castilhos - RS, Brazil. First, community members were invited and subsequently, was developed the training course for participants. The course was based on the description of the breeds, purposes, buildings and equipment, reproductive management, feeding management and health management. The presentations of the content were made in the laboratory of rabbit production (LECIFF) for fixing the techniques to be adopted. At the end of course, each participant received a female rabbit to be used as reproducer, and a male reproducer was provided for the whole group. As a result, some community members implemented the rabbit production as a source of animal protein for household consumption, making the rabbits production an option to minimize food problems in impoverished communities.

**Keywords:** family farming

### RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo difundir la cunicultura como una alternativa para las familias con bajos ingresos de la

población. El trabajo fue desarrollado para la comunidad de São João do Barro Preto en el municipio de Júlio de Castilhos – RS – Brasil. Previamente fue realizada la invitación para los miembros de la comunidad y posteriormente fue desarrollado el curso de capacitación de los participantes. El curso fue basado en la descripción de las razas, finalidades, construcciones y equipamientos, manejo reproductivo, manejo alimentar y manejo sanitário. La presentación del contenido fue realizado en el propio Laboratório de Cunicultura (LECIFF) para la fijación de las técnicas a ser adoptadas. Al final del curso, cada participante recibió una hembra para ser usada como matriz y un reproductor proporcionado para todo el grupo. Así, algunos miembros de la comunidad implantaron la cunicultura como fuente de proteína animal para consumo familiar, haciendo de la cunicultura una opción para amenizar los problemas alimentares en comunidades pobres.

**Palavras-chave:** agricultura familiar

## **INTRODUÇÃO**

A cunicultura pode ser implantada em pequenas propriedades ou até mesmo se configurar como uma simples criação caseira de subsistência. Assim como animal de estimação, os coelhos também são utilizados para a produção de carne, pele e outros produtos, podendo ser considerada uma alternativa para a redução da desnutrição de crianças e adultos em comunidades carentes onde muitas vezes a nutrição é desequilibrada, devido principalmente à carência da ingestão de proteínas. Essa criação pode ser desenvolvida em pequenas áreas, tornando-se uma alternativa para obtenção de carne de excelente qualidade (MELLO e SILVA, 1989), pois os coelhos podem ser criados com dietas constituídas por forragens e subprodutos de cereais como o farelo de trigo e de arroz sem prejudicar o desempenho (CHEEKE, 1989) uma vez que esses subprodutos são mais digestíveis para os coelhos do que para os suínos e aves devido ao ceco funcional desta espécie (ZINSLY, 1989).

Frente a isso, esse trabalho surgiu com a idéia de disponibilizar à comunidade carente do bairro São João

do Barro Preto, do município de Júlio de Castilhos/RS, uma alternativa de produção de proteína animal de alto valor biológico a baixo custo e com isso reduzir problemas de desnutrição além de minimizar os gastos com a alimentação das famílias, uma vez que a carne de coelho é um produto de elevado valor nutricional, substituto das demais carnes, havendo melhora na alimentação das pessoas, aumentando o consumo de proteína e minimizando problemas decorrentes de uma alimentação deficiente em proteínas, nutriente essencial para desenvolvimento de um organismo saudável.

## **INFORMAÇÕES SOBRE O MUNICÍPIO**

O município de Júlio de Castilhos esta localizado no Planalto Médio Gaúcho, região central do estado do Rio Grande do Sul, sua altitude é de aproximadamente 513 metros e segundo dados do IBGE (2010) a população é de 19.579 habitantes. O clima é o subtropical com temperaturas médias de 21°, sendo registradas temperaturas de 0° no inverno e de 35° no verão.

Embora seja um município de pequeno porte, possui expressiva

produção agrícola, pois 63% da sua economia é baseada no setor primário (IBGE, 2010).

## **ESTRATÉGIA DE IMPLANTAÇÃO**

Foi proposto um curso gratuito com o objetivo de disponibilizar para a comunidade carente uma alternativa que possibilitasse a produção de proteína de origem animal de alto valor biológico com baixo custo de produção.

Com isso, minimizar os problemas de desnutrição ou subnutrição dessa comunidade e consequentemente contribuindo para a formação de cidadãos capazes e com pleno desenvolvimento físico e mental.

Devido à cultura local de encarar a cunicultura como produção de animais de estimação e de baixa aceitação do coelho como um animal destinado a produção de carne, houve um processo de adaptação e quebra de paradigmas com o abastecimento de carne de coelho

no refeitório da unidade. Essa atividade favoreceu à uma nova ideia, onde a cunicultura é encarada como uma atividade de produção. O trabalho teve início com o diagnóstico da comunidade pela aceitação do curso e a melhor forma de desenvolvimento do mesmo, uma vez que a maioria dos interessados em participar são pessoas que trabalham durante o dia e o curso precisava ser interessante e atrativo para todos e não cansativo para os participantes. Para a inscrição no curso foram distribuídas fichas, que solicitavam dados pessoais como nome, endereço e telefone dos participantes e continham em destaque as palavras “CURSO GRÁTIS”, pois durante o diagnóstico de aceitação a pergunta mais freqüente era com relação ao custo do curso. No momento das inscrições os participantes foram informados que receberiam uma matriz no final do curso para iniciar a sua própria criação, o que favoreceu o estímulo para a participação no mesmo.



**FIGURA 1:** Grupo de participantes do trabalho de extensão: “A CUNICULTURA COMO ALTERNATIVA AO COMBATE A FOME” (LECIFF, 2011).

### **PLANO DE AÇÃO**

Durante o processo de inscrição do grupo, optou-se por não se fazer o diagnóstico do perfil dos inscritos com relação à escolaridade, perfil sócio-econômico, por exemplo, para não causar inibição ou até mesmo rejeição das pessoas, uma vez que era o primeiro grupo a desenvolver esse tipo de trabalho no local e para isso era preciso encontrar o caminho para a aceitação na comunidade, uma vez que a neofobia (medo do novo/desconhecido) é uma das características humanas como da maioria dos mamíferos.

O curso foi realizado no turno da noite, sendo um encontro semanal com início às 19 horas para que todos pudessem participar dos encontros, uma vez que a maioria dos participantes trabalhava até às 18 horas normalmente.

A duração de cada encontro variava de acordo com o assunto, questionamentos e ritmo de aprendizado dos participantes, com duração. intervalo entre 2 e 3 horas por dia.

Foram realizados quatro encontros, onde no primeiro foram apresentadas as características anatômicas e fisiológicas dos coelhos e suas especificidades, forma de segurar os animais, principais raças e suas finalidades e instalações e equipamentos. No segundo encontro foi explanado o manejo alimentar, características, alternativas para a redução dos custos e as forrageiras mais recomendadas. No terceiro encontro foi discutido o manejo reprodutivo e intensidade reprodutiva de acordo com o manejo e alimentação que os animais são submetidos. Por fim, no último

encontro os participantes aprenderam como realizar o manejo do crescimento, o pré-abate, o abate e os cortes que podem ser realizados com a carcaça.

Ao receber os participantes para o primeiro encontro, verificou-se heterogeneidade. A faixa etária variou de 14 até 65 anos e em relação a escolaridade dos participantes, haviam desde pessoas com quarta série do ensino fundamental até pessoas com curso Técnico em Agropecuária com habilitação em Zootecnia e razoável condição financeira, uma vez que foram atendidas pessoas com emprego fixo, desempregados, uma aposentada e estudantes. Essa diversidade de público tornou o desafio ainda maior, uma vez que a linguagem utilizada deveria ser adequada aos participantes sem tornar o curso monótono para os que já tinham

uma noção da criação e simplificada o suficiente para ser entendida pelos que tinham total desconhecimento do assunto.

É importante ressaltar nesse momento a necessidade de adaptação e sensibilidade do ministrante do curso em perceber, motivar e assegurar o interesse, o entendimento e a assimilação dos participantes em voltar para o encontro seguinte. Nesse momento é percebida a dificuldade da comunicação em um grupo pouco homogêneo.



**FIGURA 2:** Entrega de reprodutrizas aos participantes do trabalho de extensão: “A CUNICULTURA COMO ALTERNATIVA AO COMBATE A FOME” (LECIFF, 2011).

## **AS INSTALAÇÕES**

A cunicultura caseira é uma atividade que requer um espaço bastante reduzido e pode ser implantada em quintais isolada, de maneira isolada ou consorciada com árvores frutíferas para melhor aproveitamento do ambiente. No entanto é importante ressaltar a necessidade de alguns cuidados básicos que devem ser considerados no momento da implantação do sistema com o objetivo de minimizar perdas ou até mesmo a morte dos animais. Não há necessidade de construção de galpão ou algo muito elaborado para implantação desse sistema, uma vez que isso aumentaria o custo inicial da implantação e conseqüentemente o desinteresse de muitos dos participantes, no entanto, recomenda-se uma área cercada para evitar a entrada de predadores e fuga dos coelhos em caso de um ou mais animal sair da gaiola.

Em caso de possibilidade de construção de galpão destinado exclusivamente para essa finalidade, o mesmo pode ser de 6 x 3 m e 2,5 m de pé direito, comportando inicialmente 12

gaiolas (seis de cada lado) e futuramente ser ampliado para 24 gaiolas com a possibilidade de dois andares separados por uma telha de fibrocimento inclinada para impedir que as dejeções do andar superior atinjam os animais do andar inferior (FABICHAK, 2004). Todavia é importante ressaltar que esse tipo de sistema é recomendado para o cunicultor que pretende desenvolver uma criação comercial e com a finalidade de retorno financeiro, não sendo esse o objetivo principal desta proposta.

## **AS COELHEIRAS**

Existem atualmente vários modelos de coelheiras e diversos materiais que podem ser utilizados para a construção das mesmas. Isso deve ser comentado com os participantes do projeto. Alguns pontos devem ser ressaltados para assegurar o bom desempenho dos animais e o bem-estar dos mesmos. Primeiramente foram propostas e apresentadas as instalações rústicas para coelhos confeccionadas com sobras de material como tábuas, telas, grades e ripas.



**FIGURA 3:** Coelheira rústica confeccionada com ripas, tela e folhas de fibrocimento.

O sistema utilizado vai variar de acordo com o clima na região em que o sistema será implantado. No caso do sul do Brasil, onde a latitude é de aproximadamente 30°S e o clima é caracterizado como quente no verão e frio no inverno, há necessidade de sombra no verão para evitar o superaquecimento dos animais e a proteção contra o frio e ventos predominantes no inverno, pois causariam altos índices de mortalidade principalmente dos láparos lactentes. Por isso é importante ressaltar aos participantes que as instalações devem permanecer a sombra, ventiladas no verão e protegidas no inverno.

O piso precisa ser vazado para permitir a queda das fezes e da urina dos animais, evitando assim problemas causados pelo contato direto. Para facilitar o entendimento e a importância disso, para o futuro cunicultor, vale mostrar o pé do coelho com presença abundante de pelos e fazer a comparação com pessoa de meias grossas e tênis. “– Imaginem colocar um copo de água dentro do tênis e permanecer com ele úmido todo o dia!”. Analogias simples e objetivas como essa são de fundamental importância para a fixação do produtor em relação ao tipo de material utilizado nos pisos das instalações. Posteriormente a essa explicação foram sugeridos alguns tipos



de piso que poderiam ser confeccionados bem como suas principais características.

Entre os citados estão pisos de ripa (figura2), com menos custo de aquisição, porém com menor vida útil, devido ao hábito dos animais de roer a madeira para desgaste dos dentes; o piso de bambu ou taquara também pode ser utilizado, lembrando que as mesmas devem ser retas para evitar excesso de espaçamento entre as frestas que possibilitariam a queda das pernas dos animais que poderiam causar lesões nas mesmas; o piso feito com cano de PVC, cortado e pregado nas extremidades, lembrando que esse tipo de piso não deve ter mais que 50 cm entre os pontos de fixação, pois isso faz com que o mesmo se abra, permitindo a queda das pernas dos animais ou até mesmo dos filhotes. Outro piso que pode ser utilizado é o de tela que pode ser adquirido em lojas especializadas, porém o custo desse material é um pouco maior, embora a durabilidade seja quase a mesma se não construído corretamente, uma vez que a urina pode corroer o metal rapidamente.

As laterais das gaiolas podem ser vazadas ou fechadas em madeira, telas, grades, taquaras ou outro material que

não seja destruído rapidamente pelos animais e que evite a fuga dos mesmos, porém é importante salientar aos criadores a importância de proteção das gaiolas dos ventos, principalmente no inverno e em ninhadas jovens.

O telhado é outro fator importante a ser considerado, pois além de proteger os animais das chuvas é responsável pela proteção dos mesmos de problemas como insolação e temperatura dentro da gaiola. Em caso de construção de galpão, o telhado do mesmo é responsável por essa proteção, porém para gaiolas construídas ao ar livre, esse fica diretamente acima da gaiola e é crucial para a manutenção do microclima da instalação.

Telhados de fibrocimento são os mais baratos para esse tipo de criação, porém um telhado de capim é mais eficiente em relação ao isolamento térmico com o fator negativo de ser consumido pelos animais e por isso necessitar de algum tipo de isolamento entre a palha e a gaiola com madeira, chapa metálica ou semelhante. Telhados confeccionados com telhas de barro associam bom isolamento e custo não muito alto, uma vez que esse pode ser desenvolvido com telhas rejeitadas na reforma de casas. Por outro lado esse

telhado possui peso elevado comparado aos citados anteriormente e com isso demanda uma estrutura em madeira mais resistente e elaborada.

### **NINHOS**

Os ninhos são usados somente na fase de reprodução e devem ser colocados para as matrizes no 28º dia de gestação, impedindo assim que matriz contamine o ninho com fezes e urina. Esse ninho pode ser confeccionado com madeira, chapa metálica ou polietileno, por exemplo. No entanto, para criações caseiras de regiões frias, necessita-se de ninhos de madeira com o máximo possível de espessura para funcionar como isolante térmico e com isso minimizar as perdas de calor dos láparos.

Existem ninhos que são formados apenas por uma caixa rasa responsável por manter o material absorvente e a ninhada em seu interior. Entretanto, em

locais onde a temperatura podem ser negativa nos meses mais frios, é necessário que o mesmo esteja o mais isolado possível e possibilite a manutenção da temperatura interna para a cria. Esse ninho pode ser construído de madeira com base de 40 x 30 cm, altura de 30cm e abertura frontal superior de 20 cm e com retração do teto em 10 cm (FABICHAK, 2004) ou até mesmo no formato de uma caixa fechada de 50x30x30 com uma abertura de 15x15 em uma das extremidades para evitar ao máximo a perda do calor. Além disso, recomenda-se o uso de uma tábua mais espessa ou tábua dupla na base do ninho, pois é onde os láparos ficam em contato direto e onde ocorrem as maiores perdas de calor. Essa base deve possuir bom isolamento, porém deve conter aproximadamente três furos com 20 mm de diâmetro para facilitar o escoamento da urina e facilitar a ventilação no interior do ninho.



**FIGURA 4:** Ninho de madeira com pequena abertura para a entrada da matriz.

Outros modelos podem ser elaborados de acordo com a necessidade de isolamento, bem como o material e forma de utilização, dependendo da região, do clima, do tipo de instalação, raças utilizadas, entre outros fatores.

É de fundamental importância que a cama utilizada para a confecção do ninho pela coelha seja adequada à situação. Sabe-se que muitos cunicultores utilizam cama de maravalha com bons resultados e outros materiais triturados com bons índices de absorção de umidade, porém no inverno sulista foram observadas (dados não publicados) que as melhores camas são as capazes de formar estruturas em que as matrizes depositem seus pelos e depois do parto consigam ainda cobrir a ninhada com pelo e palha. Capim seco

não triturado é uma ótima opção de ninho para o período frio, minimizando a morte dos lãparos nas primeiras semanas de vida. Esse capim deve ser colocado em quantidade suficiente para que a coelha consiga arquitetar o seu próprio ninho antes de começar o arranque dos pelos do ventre.

É importante lembrar aos futuros criadores que esse material deve ser coletado e armazenado para a utilização ao longo do ano, uma vez que em alguns períodos do ano a coleta não é possível devido ao crescimento reduzido do capim e, além disso, a secagem é dificultada pela condição climática.

## **ALIMENTAÇÃO E ALIMENTADORES**

Em uma criação caseira a alimentação é bastante variada e muitas vezes desequilibrada. O não atendimento às necessidades nutricionais de uma categoria causa prejuízo no desempenho dos animais, sendo as mais afetadas por essas deficiências as matrizes em fase de lactação e os lãparos. O uso de ração peletizada nem sempre é possível devido ao custo elevado das mesmas.

Os participantes do projeto foram orientados a utilizar forrageiras *in natura* e elaboração de feno para os períodos de vazio forrageiro, além do uso de tubérculos e raízes como fonte de energia e de cereais e subprodutos de culturas. Foi explicada a importância da nutrição adequada dos animais e a diferenciação de fenos e palhas, alimentos protéicos, energéticos e de alta e baixa digestibilidade para que os participantes do grupo pudessem utilizar corretamente os alimentos.

Nesse tipo de criação, em que o custo inicial de implantação deve ser o

mínimo possível, os comedouros podem ser tipo pote cerâmico, de madeira, metal ou até mesmo plástico. Uma das orientações fornecidas aos participantes foi o uso de latas de achocolatados, leite em pó, ou assemelhados, em que a borda superior deve ser retirada e a mesma rebaixada até uma altura de aproximadamente 10 cm de altura (Figura 4).

Já para o depósito das forrageiras e macro-alimentos podem ser utilizadas fenadoras acopladas às gaiolas com grades, telas ou tábuas. O importante é que essa tenha fácil acesso pelo criador para a reposição diária e que tenha acesso direto e contínuo dos animais para que a ingestão seja contínua. Os criadores foram orientados para que o feno permaneça abastecido continuamente e com volume suficiente para atender os animais presentes na gaiola até o próximo abastecimento, porém é importante ressaltar que ao se utilizar forrageiros *in natura*, os restos devem ser removidos antes do reabastecimento para evitar fermentação e rejeição dos animais.



**Figura 5:** Comedouro elaborado a partir de uma lata cortada ao meio e fixado na gaiola pela parte inferior.

### **BEBEDOUROS**

Em todas ou pelo menos na grande maioria das criações comerciais são utilizados bebedouros automáticos devido aos seus benefícios como a qualidade da água ingerida, redução da necessidade de mão de obra e o uso reduzido de espaço na gaiola. Potes cerâmicos selados também são boas opções para o fornecimento da água aos animais, mas também devem ser adquiridos em casas especializadas e representam custos.

Um modelo utilizado e recomendado para os participantes do curso foi o uso de uma garrafa pet de dois litros cortada e encaixada dentro de uma lata semelhante a usada para

comedouro. O processo de fabricação desse bebedouro inicia com a perfuração da lata na parte superior e colocação de um arame ou gancho que será usado para a fixação do mesmo na gaiola. Outra perfuração deve ser realizada no fundo da lata para que a mesma não sofra oxidação em caso de permanecer água dentro da mesma.

Depois desse procedimento deve ser cortada uma garrafa pet de 2 litros da altura da lata e a mesma deve ser colocada dentro da lata e encaixada de forma que a borda se encaixe imediatamente abaixo do suporte que encaixaria a tampa para evitar que os animais destruam a garrafa pet (Figura 5).



**Figura 6:** Bebedouro elaborado com garrafa pet cortada e encaixada dentro de uma lata de achocolatado.

### **RAÇAS RECOMENDADAS**

A cunicultura pode ser dividida basicamente em animais para carne, para pele e para animais de estimação. As raças médias são as mais recomendadas para a produção de carne devido ao desenvolvimento muscular e desempenho produtivo. No momento da visita ao setor de cunicultura, os participantes buscam sempre as raças gigantes com o intuito de alcançar alta produção e grande volume de carne. É importante salientar para esses iniciantes que essas raças requerem maior cuidado e manejo mais sofisticado para a sua criação. Vale a comparação entre produtividade anual das raças e do custo de produção por quilograma de carcaça. Essa visão

errônea de produtividade associada a tamanho de animal adulto deve ser fortemente discutida, bem como o sistema reprodutivo utilizado, uma vez que o manejo alimentar, sanitário e reprodutivo não são os mais eficientes nesse tipo de criação.

Quando o objetivo é a criação caseira e os criadores ainda não possuem experiência na criação, recomenda-se o uso de animais cruzados ou mestiços em que o principal objetivo é a aquisição de matrizes de alta rusticidade e excelente adaptabilidade ao sistema em que vai ser criada. Essas matrizes são menos especializadas para a produção, porém o uso de fêmeas de alta produção nessas

condições causaria a falência precoce da criação.

### **MANEJO REPRODUTIVO**

Dependendo da tecnologia empregada, da nutrição, do manejo adotado e da genética utilizada, consegue-se imprimir o ritmo reprodutivo das matrizes do plantel. Esse ritmo pode variar de partos com intervalos de 40 dias até partos com intervalos de 90 dias. Em situações de criação caseira, os participantes foram orientados a trabalhar com sistemas de intervalo entre partos de 60 a 90 dias dependendo do manejo adotado. Em situações em que a matriz é alimentada com ração comercial e suplementada com forrageiras, pode-se utilizar um programa reprodutivo em que o desmame ocorre aos 30 dias e o acasalamento da matriz seja realizado no dia do desmame.

Porém, aos produtores que fornecem uma dieta mais pobre em nutrientes, a base de forrageiras e subprodutos, foi recomendado intervalos maiores de lactação e de cobertura. Para esses criadores a recomendação é de que o desmame dos lâparos ocorra aos 45 dias e depois do desmame a matriz permaneça 15 dias de

repouso para a recuperação parcial dos tecidos perdidos durante a lactação e tenha tempo suficiente para a deposição de reservas de nutrientes para consumir na próxima lactação. Os participantes foram alertados para a importância desse período com a finalidade de impedir o desgaste excessivo da matriz e consequentemente descarte prematuro.

### **O RESULTADO**

No final do curso os participantes receberam as matrizes com aproximadamente cinco meses de idade. Essas foram alojadas nas novas instalações para adaptação aos novos ambientes, aos manejos, a alimentação e as condições sanitárias. Depois de 30 dias de adaptação, as matrizes foram acasaladas para o início da produção. Os novos criadores continuam sendo acompanhados e suas dúvidas são sempre sanadas para que o sistema tenha continuidade e para que possa evoluir para uma futura cooperativa de criadores com trabalhos de artesanatos e uso de subprodutos como a pele e os pés.

### **CONCLUSÃO**

A cunicultura pode ser implantada em comunidades carentes como uma

alternativa ao combate a fome, reduzindo problemas de desnutrição e possibilitando a produção de uma fonte de proteína animal de qualidade com baixo custo. No entanto, vale ressaltar que sistema recomendado, o manejo e a linguagem utilizada para esses produtores deve ser adaptada a realidade do público a ser atingido, diferenciando-se do preconizado para uma criação comercial.

#### REFERÊNCIAS

CHEEKE, P. R. Produção e Alimentação de coelhos em sistema de produção agrícola tropical e subtropical. **Inf. Agropec.** Belo Horizonte, 14 (159),9-13.1989

FABICHAK, I. **Coelhos – Criação caseira.** Ed. Nobel, 88p. 2004

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Rio Grande do Sul 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em 05 de julho de 2012.

MELLO, H.V. de, SILVA, J.F. **A criação de coelhos.** 2. ed. São Paulo: Globo, 1989, 209 p.

ZINSLY, C.F. Situação Atual e Perspectiva da Cunicultura. **Inf. Agropec.** Belo Horizonte, 14 (159),49-53, 1989.